

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## NOTÍCIAS DA ACTIVIDADE CULTURAL. CENTENÁRIO DE ABEL SALAZAR. 1889-1989.

GUIMARÃES, Francisco Salgado

Ano: 1989 | Número: 99

---

### Como citar este documento:

GUIMARÃES, Francisco Salgado, Notícias da actividade cultural. Centenário de Abel Salazar. 1889-1989. *Revista de Guimarães*, 99 Jan.-Dez. 1989, p. 446-450.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Centenário de Abel Salazar

(1889 — 1989)

As comemorações em Guimarães, do Centenário do nascimento do ilustre vimaranense Prof. Doutor Abel Salazar, estiveram a cargo de uma comissão organizadora composta pelas seguintes entidades: Câmara Municipal de Guimarães, Círculo de Arte e Recreio, CONVÍVIO — Associação Cultural e Recreativa, Sociedade Martins Sarmento, Museu Alberto Sampaio.

Do programa catálogo publicado por aquela Comissão salientamos o seguinte texto evocativo.

A evocação da figura e da obra de um homem como Abel Salazar não se compadece com quaisquer pretensões exclusivistas da sua terra natal. Na verdade, Abel de Lima Salazar, nascido em Guimarães no dia 19 de Julho de 1889, foi um espírito universalista, um vulto que se conformou no mais elevado modelo de humanismo, uma inteligência aberta à permanente questionação do mundo, dos homens, das ideias, uma alma segura das capacidades da razão, uma sensibilidade criativa, um espírito curioso de todos os saberes.

Um homem assim não é só da sua terra natal. Cientista de raro mérito, com um trabalho de investigação profundo e inovador — especialmente no campo da Histologia e da Embriologia, mas estendendo-se a muitos outros aspectos das ciências biológicas — Abel Salazar soube no entanto demarcar-se do cientismo numa altura em que a sua moda ainda predominava nos espíritos da época. Homem de acção, cidadão interveniente, Abel Salazar foi um republicano e um democrata. E se o seu anti-clericalismo não lhe ceitou o sentimento religioso — advogando uma «religião de puro

sentimento», informada por uma teologia crítica e pela história das religiões — o seu democratismo obrigou-o a atitudes de ostensivo confronto dos fascismos e da ditadura salazarista. Motivo pelo qual, aliás, seria empurrado para o exílio, condenado ao silêncio, afastado da docência universitária, do seu laboratório, das próprias bibliotecas da sua Faculdade. Como homem votado à arte, cultivou a pintura, a gravura e o desenho, bem assim como uma arguta e sensível crítica de arte. A par da sua estatura de cientista, é esta sua faceta de artista plástico aquela que mais admiração provocou e ainda hoje provoca, pela alta capacidade expressiva que atingiu. Abel Salazar foi também um homem de letras — ensaísmo, publicações dispersas, colaboração intensa em jornais e revistas sobre os mais variados assuntos. Mas saliente-se sobretudo o seu livro «Digressões em Portugal», cuja linguagem muito vincada de traços e cores, forte nas suas impressões, nos fornece um interessante quadro do nosso país e das nossas gentes.

Abel Salazar não é só de Guimarães. Mas não se recuse à sua cidade natal a legitimidade de promover esta comemoração do centenário do seu nascimento. Bom seria, porém, que esta evocação não servisse só de justo e legítimo reconhecimento da memória de Abel Salazar, mas antes fosse uma efectiva semente para uma sistemática e constante divulgação da sua obra e do seu exemplo. É esse o voto que preside a estas comemorações.

As comemorações, nesta cidade, iniciaram-se no dia 4 de Novembro, com a inauguração de uma exposição itinerante no Museu Alberto Sampaio.

Às 17 horas, inauguração da exposição de fotografia «Guimarães no tempo de Abel Salazar», no Círculo de Arte e Recreio.

Às 18 horas, no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento realizou-se uma sessão solene que foi aberta pelo Prof. Doutor Nuno Grande, Presidente da Comissão Nacional das Comemorações, que na altura pronunciou o discurso seguinte:

Homenagem a ABEL SALAZAR na sua terra natal é antes de mais homenagear a comunidade que lhe modelou os primeiros traços do carácter. É que nenhum homem é indiferente à vida vivida entre os outros homens e deste modo todos nós somos um pouco retrato dos nossos concidadãos e contemporâneos.

Aqui aprendeu o amor à verdade sem concessões oportunistas o que lhe custou a agressividade dos mediócras e dos falsários.

Aqui aprendeu a amar o semelhante, sem emoções epidérmicas e transitórias, mas com um profundo sentido de solidariedade, o que presidiu ao compromisso que tinha com os seus concidadãos, patente na obra escrita e pintada, na divulgação e na intervenção político-social.

Aqui aprendeu a necessidade do rigor o que esteve na base de um pensamento científico original, que constitui um património da ciência biológica portuguesa e mundial.

Por tudo isto, no programa da Comemoração do Centenário do nascimento deste vulto imenso da cultura é o povo português e particularmente o desta cidade que estamos a homenagear, e este momento constitui uma referência a um passado, ainda que não muito distante, profundamente diferente do presente que nos cabe viver. Ora, como dizia Abel Salazar, o que define a vida é o acto de viver, e assim, exaltar as qualidades da velha Nação que definimos, é dar sentido à história que estamos a construir tomando como referência os que connosco ou antes de nós, a escreveram, vivendo, isto é amando, lutando, acreditando e sofrendo. Por isto, Abel Salazar é paradigmático e exemplo que os jovens devem conhecer e que nós nos obrigamos a divulgar.

Assim o entenderam a Câmara Municipal de Guimarães através da vereação da Cultura, as direcções do museu Alberto Sampaio, do Círculo Arte e Recreio, do Convívio e da Sociedade Martins Sarmiento que organizaram a série de acontecimentos que vão marcar a passagem de parte da obra do insigne mestre por esta cidade.

Permitir o contacto entre um dos mais ilustres vimaranenses de sempre e os seus concidadãos é um acto de grande significado no reforço de uma identidade que irá confrontar-se com vicissitudes imponderáveis na internacionalização dos projectos sócio-económicos que a integração europeia nos irá impor. Neste tempo histórico é necessário que saibamos quem somos e de onde viemos, para que possamos continuar a projectar o caminho da nossa continuidade.

Mas os limites de Abel Salazar foram os da Humanidade o que o levou a assumir posições contra todos os tipos de prepotência, de intolerância e de discriminação que os regimes ditatoriais impuseram aos povos no período das duas grandes guerras. É que Abel Salazar era um cidadão do mundo, como o devem ser os verdadeiros universitários. Não podia por isso, a Universidade deixar de o exaltar como um dos seus mais significativos baluartes, e, assim, a Universidade do Minho, pelo Conselho Cultural respectivo, assumiu a condução destas manifestações nesta província que ele tanto amou e com que se identificava plenamente.

Portanto, como representante da Comissão Nacional, quero expressar a minha alegria e gratidão pela forma como estas comemorações se têm desenrolado neste distrito culminando com a estadia aqui de Abel Salazar até ao fim do presente mês, exposto e dialogante, como ele tanto gostou de estar em todos os momentos da sua existência.

Espero que o visitem porque todos temos muito de nós em tudo que nos legou. Vê-lo com espírito aberto e sem preconceitos é um acto empolgante. Depois ele escreveu: «os meus esforços são sinceros; não pretendo que ninguém pense desta ou daquela forma, mas apenas que pense com sentido e clareza, e em harmonia com as aquisições filosóficas actuais, em harmonia com o momento».

É este apelo que também quero fazer.

Em seguida tomou a palavra o Prof. Doutor Craveiro da Silva, Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho, que disse:

Pediram-me para dizer algumas breves palavras nesta Sessão Solene. Como a obra e o pensamento de Abel Salazar foram e continuarão a ser estudados com competência no Porto, Braga, Guimarães, Bragança e Viseu, para só enumerar as cidades de que tenho presentemente conhecimento, vou agora referir-me apenas a novo aspecto pontual de Abel Salazar como professor universitário. É pertinente atendermos a este aspecto até pela seguinte razão: é que Abel Salazar nasceu em Guimarães e agora em Guimarães existe uma universidade, o que não acontecia no seu tempo. É oportuno portanto que consideremos o seu exemplo para que a Universidade do Minho, que tem ajudado com brilho a celebração do seu centenário, realize a sua exemplaridade pedagógica na actividade escolar.

Abel Salazar foi um grande professor universitário cujas aulas ainda hoje são recordadas pelos seus alunos. Mas ele não foi um simples teórico pois tentou concretizar alguns princípios fundamentais que estiveram na base do seu ensino.

Assim previne-nos não só contra os malefícios das *sebentas* mas também contra o perigo dos mesmos *Tratados* que são, segundo ele, como que «os representantes oficiais da ciência e exercem forçadamente uma certa influência nos espíritos ainda vacilantes que se deixam sujestionar pela impersonalidade dessas obras, impersonalidade que lhes dá foros de alcorão, e carácter dogmático às suas teorias» (*Portugal Médico*, 3.ª série, n.º 6, 1912, p. 358).

O que Abel Salazar queria condenar neste texto, e repete-o em muitos outros, é o perigo da falta de iniciativa do aluno e do alargamento de autoridade em ciência que embora respeitável não é argumento a ter em conta pois o progresso científico só é possível por arranque daqueles que ousam rebelar-se contra ela e contra os seus catecismos.

E dentro destas perspectivas pedagógicas se desenrolou todo o seu ensino. Vejamos como Almerindo Lessa, seu aluno e depois seu Assistente, nos descreve uma das suas aulas: «Entra-se numa aula dele: não há livros de texto, não há lugares numerados, não há faltas, não há chamadas, não há fiscais, não há ciência medida da página x à página y; o que se vê é o mestre no meio dos alunos correndo com eles, no mesmo banco, as platinas dos microscópios, à vontade, na maior promiscuidade, cada um vendo o que quer, como quer e quando quer. Porque não obriga, só lá vai quem deseja e porque assim é, o ambiente é ótimo para o trabalho: há interesse, há curiosidade, há sistemas. Não se ensina pelos livros: o livro é o calendário não é a ciência. Tudo quanto se fixa se viu primeiro: e o que não se vê não se afirma. Os estudantes têm tudo à sua disposição: No Instituto de Histologia do Porto há este lema escolar: — o aluno é livre porque é responsável». Tais são as palavras de Almerindo Lessa. Mas um seu antigo aluno ainda vivo, o Dr. Duarte Mendes, contou-me o seguinte testemunho talvez mais significativo: «No princípio do ano escolar Abel Salazar dizia aos seus alunos: tendes à vossa disposição o professor e os assistentes, bem como os laboratórios, desde as 8 h. da manhã até às 8 h. da tarde. Eu nas aulas teóricas tratarei de vários problemas culturais, o que é indispensável para a vossa formação. E estas aulas eram um êxito, enchiam-se de alunos.»

Esta experiência pedagógica era rara numa Escola ordinariamente repetitiva e magistral. E mesmo agora é perigosa para um docente que não tenha a estatura universitária de Abel Salazar. Mas não são precisas as nossas considerações porque foi ele próprio, com a lu-

cidez que lhe era habitual, que fez a autocrítica ao seu sistema pedagógico: «Cursos houve, escreveu ele, na Secção de Histologia e Embriologia da Universidade do Porto, que conseguiram, melhor ou pior, compenetrar-se deste espírito de educação e levar a sua tarefa até ao fim, com resultados umas vezes satisfatórios, outras vezes surpreendentes, outras desastrosos. É fácil perceber que não se fazem ensaios desta ordem sem fracassos variados» (Abel Salazar, *Inéditos*, B. G. U. M., misc. n.º 32981, p. 73).

Ele reconhece que houve grandes êxitos e fracassos no seu sistema de ensino. De facto nenhum sistema pedagógico é infalível. Mas a preocupação de tentar ultrapassar a rotina, actualizar a cultura, ensaiar novos métodos pedagógicos, dignificar a missão inovadora da Universidade constituíram uma aspiração constante da sua vida e delineam os traços modelares de um verdadeiro universitário, mesmo à custa de alguns fracassos. Ele tinha como fundamental o despertar nos alunos o sentido da liberdade e da responsabilidade, o espírito crítico e inovador e o alargamento da cultura.

É esta a grande lição que hoje recordamos pois julgo que também à geração dele se deve, em não pequena parte, a substituição das aulas magistrais, repetitivas, sem horizontes inovadores, pelas aulas de hoje que procuramos desenvolver num ambiente de maior iniciativa crítica e liberdade universitária. Nisto temos um belo exemplo em Abel Salazar. É este um profundo desafio que ele lança ainda à universidade de hoje.

A finalizar, o Dr. Norberto Cunha realizou uma brilhante conferência intitulada: «Abel Salazar filósofo das ciências».

As comemorações continuaram no dia 10 de Novembro com os seguintes actos:

21,30 horas — Na sede do CONVÍVIO, colóquio sobre «Guimarães no tempo de Abel Salazar» pelos Doutores Carlos Poças Falcão, e Firmino Mendes.

— No dia 26 de Novembro, às 21,30 horas, na Sociedade Martins Sarmento, palestra pelo Dr. Carlos Morais sobre «A filosofia da arte em Abel Salazar».